

# Portugal: do Muro de Berlim à TTIP

PAULO GORJÃO\*

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)

A Alemanha comemorou ontem o 26.º aniversário da queda do Muro de Berlim. Após várias semanas de grandes manifestações, em que os alemães orientais exigiam mais liberdade, a 9 de Novembro de 1989 o regime comunista de Egon Krenz anunciou, apanhando tudo e todos de surpresa, que a partir dessa data os seus cidadãos poderiam viajar para o exterior. Uma decisão de alcance aparentemente limitado viria a ser o epicentro de um processo que conduziria a profundas alterações na Europa. A queda do Muro de Berlim, além de permitir a unificação da Alemanha, foi o ponto de partida para a redefinição dos equilíbrios políticos na Europa e em particular o equilíbrio de poder existente no eixo franco-alemão. Nada voltaria a ser igual. A Europa viu-se obrigada a adaptar-se e a seguir em frente rumo a um duplo processo de aprofundamento e alargamento que ainda hoje continua a fazer o seu caminho.

De certo modo, a Europa parece estar a construir um *puzzle* ilimitado. Sempre que se identifica o lugar de uma peça no tabuleiro — e com isso se resolve um problema — de imediato aumenta a dimensão do *puzzle* e por essa via o número de peças por colocar. Hoje os Estados-membros da União Europeia enfrentam vários desafios estratégicos em simultâneo: a crise dos refugiados e o que ela representa para a livre-circulação, a eterna crise grega e a sua gestão no espaço do Euro, e o eventual Brexit na sequência do futuro referendo sobre a manu-

tenção ou saída do Reino Unido da União Europeia. Nenhum destes desafios tem solução fácil. Todos põem em causa a integridade do projecto europeu e, por essa via, são fonte de preocupação para a política externa portuguesa.

Na qualidade de Estado-membro que entrara recentemente na União Europeia, Portugal testemunhou de perto o impacto que a queda do Muro de Berlim teve no projecto europeu. Subitamente, de um ponto de vista simbólico e factual, Portugal tornou-se mais periférico, política, económica e geograficamente. De um dia para o outro, muitas das expectativas quanto a futuros investimentos tornaram-se uma miragem. De certo modo, a Autoeuropa foi um dos poucos grandes investimentos que escaparam à tirania da geopolítica decorrente da queda do Muro de Berlim. Com a recentragem do epicentro europeu, nenhum outro investimento de igual dimensão e significado voltou a ter Portugal como destino. Naturalmente, nas últimas décadas Portugal poderia e deveria ter feito muito mais para atrair investimento estrangeiro e para se tornar um destino mais interessante para os investidores. Nem sempre assim foi, é indiscutível, mas isso não atenua o facto de a queda do Muro de Berlim — e as alterações subsequentes na Europa — ter marcado o início no espaço europeu de um ciclo geopolítico desfavorável a Portugal.

Dito isto, as coisas são como são e não vale a pena chorar sobre o leite derramado. Importa antes olhar para eventuais segundas oportunidades, ainda que de natureza diversa, como é o caso da Parceria Transatlântica

\* Versão revista e ampliada: "Portugal: do Muro de Berlim à TTIP" (*i*, 10 de Novembro de 2015), p. 31.



de Comércio e Investimento (TTIP). A concretização da TTIP proporcionará a Portugal uma oportunidade relevante para sair da periferia europeia em que mergulhou no pós-queda do Muro de Berlim e para se posicionar no centro das relações transatlânticas.

De facto, a TTIP confere relevância geopolítica acrescida a Portugal. Nessa medida, a consequente afirmação nacional como ponte entre a Europa e os EUA poderá catapultar o país para uma posição de maior influência transatlântica, nomeadamente contribuindo para a segurança do comércio marítimo, para a contenção e eliminação de diversos tipos de tráfico — armas, drogas e pessoas, entre outros — e para a estabilidade política nas regiões adjacentes ao Atlântico.

As negociações formais entre os EUA e a Europa para a criação da TTIP têm decorrido com a normalidade possível. Se o processo tiver êxito, como se espera que ve-

nha a ter, a TTIP representará a maior zona de comércio livre do mundo. Também desse ponto de vista, estamos perante uma oportunidade única para Portugal. No seu conjunto, os mercados europeu e norte-americano representam aproximadamente 800 milhões de habitantes, metade da produção económica global, um terço do fluxo mundial de mercadorias e metade das prestações de serviços em todo o mundo. Estando no seu centro, dificilmente Portugal não conseguirá tirar partido de um bloco desta dimensão.

Em sentido figurado, e com alguma ironia pelo meio, o que a Alemanha tirou será a Alemanha a dar. Mais que ninguém, deste lado do Atlântico será Berlim que terá nas mãos a chave para a concretização de uma parceria — a TTIP — que Portugal aguarda com expectativa. O relógio do mundo não pára.

**EDITOR** | Paulo Gorjão

**EDITOR ASSISTENTE** | Gustavo Plácido dos Santos

DESIGN | Atelier Teresa Cardoso Bastos

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)  
Rua da Junqueira, 188 - 1349-001 Lisboa  
PORTUGAL

<http://www.ipris.org>

email: [ipris@ipris.org](mailto:ipris@ipris.org)

IPRIS Comentário é uma publicação do IPRIS.

As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as opiniões do IPRIS.

Parceiros



Mecenas

